

# Em busca de uma família

Por Clarice Ziller

Amor, Amor Café Cultura<sup>1</sup>. Foi ali, enquanto me tornava mestre barista, que a vida foi entrando nos eixos e meu coração encontrando seu lugar. Entre grãos, filtros e xícaras encontrei alguém que não via há muito tempo: eu mesmo. Estava contando os minutos para fechar e ir encontrar Ezra. Não conseguia tirar Ezra da cabeça. Achava incrível como mesmo com tão pouco tempo de convivência já houvesse um laço tão forte entre nós.

Enquanto pensava, um rapaz entrou e sentou no fundo da cafeteria, parecia querer distância de tudo. Peguei o cardápio e fui até lá. Um bom café faz bem ao coração e aos pensamentos.

Cheguei devagar, sorri e olhei nos olhos dele: “posso ajudar?” Preocupei-me, porque a expressão nos olhos dele me levou ao passado, um lugar para onde não gostava de ir. Um dia de derrota profunda, ainda que também o início da minha redenção.

Entrei num daqueles redemoinhos de pensamentos que deságua no passado que não queremos visitar, e me vi com 9 anos de idade, no meio da sala suja com móveis quebrados, vendo meu destino ser selado pelos malucos que deveriam ser responsáveis por mim. Meu pai falava coisas que eu não entendia, mas minha mãe gritava em alto e bom som: “faça o que quiser, porque eu não vou levar essa encrenca comigo!”. Quando saiu batendo a porta sem olhar para trás, rapidamente entendi que ela se referia a mim. Fiquei parado ali, enquanto meu pai voltava ao que fazia antes: beber. Poucos dias depois fui oficialmente jogado para fora de casa. A partir daquele dia, passei a sobreviver. Era forte e inteligente, mas logo o tráfico me encontrou. Subi rápido e me tornei poderoso, mas no fundo só tinha um desejo: ter uma família.

As coisas acontecem rápido na rua, e aos 18 anos já tinha vivido uns 50. Casei, tive um filho, e por um tempo achei que tinha alcançado meu objetivo. Mas tudo que construí foi um castelo de areia, e o fosso à volta do castelo não era cheio de água, mas de sangue. Fui perdendo as coisas e o sentido. Minha família não era família, minha carreira não era real e na verdade era tudo um jogo de espelhos. Nos Jogos Mortais da vida real, eu era o próximo. Estar no topo da cadeia do tráfico tem um peso insuportável, uma mistura de sucesso com fracasso que é enlouquecedora. Todo o poder e dinheiro à disposição ao custo da sua ética, dignidade e possibilidade de uma vida emocional e familiar bem-sucedida.

A guerra do tráfico é real, e todo dia podia ser meu último. Pressão demais para minha jovem esposa com um bebê, e eles me deixaram. Eu ruía por dentro enquanto outros buscavam minha ruína por fora. O cartel rival tramou uma emboscada mortal, mas naquele dia meu chefe decidiu que eu não iria. Outro

morreu no meu lugar. Foi tão brutal que era impossível reconhecer o corpo, e inacreditavelmente isso abriu a porta de saída para mim sem que fosse perseguido. Passei por essa porta e deixei tudo para trás, menos minha arma, o celular e uma mochila com algumas roupas.

Uma morte brutal me deu vida. A caçada continuava, e para mim, continuar onde estava era sentença de morte. Alguém descobriria que não morri, e tudo voltaria à estaca zero. O peso da morte estava sobre mim, somado à depressão e ao sentimento de fracasso e solidão. E mais uma vez tinha perdido a família com que tanto sonhei. Pensei em só ficar sentado e aguardar a morte chegar.

Mas não, não ia morrer pelas mãos de ninguém, porque lá atrás decidi que só uma pessoa ditaria meu destino: eu mesmo. Então, se a vida tinha de acabar ali, acabaria pelas minhas mãos. Sentei embaixo de uma ponte, coloquei a mochila num canto, o celular na minha frente e peguei minha arma. Não tinha medo, não tinha nada. Quase senti alegria por pensar que era o fim daquela existência sem nexos, cercada de violência e crueldade. Estava exausto, seria um alívio morrer. Antes que puxasse o gatilho meu telefone tocou. Um amigo do passado ligou naquele exato instante, oferecendo uma saída. Atendi aquele chamado e comecei um processo que me mudou completamente. Conheci o poder de Deus e o amor de Jesus. Pela primeira vez fui amado. Como é difícil ser amado! Não foi fácil, mas em pouco tempo entendi como me mover dentro desse processo. Me senti aceito e amado por Deus e por muitas pessoas. Só uma coisa não tinha mudado: meu coração procurava uma família.

Dois anos depois estava prestando serviço voluntário na igreja, cuidando do áudio e do vídeo do curso que acontecia todo ano. Havia pessoas do Brasil e eles tinham uma tradutora. Ela sempre falava comigo, muito amável. Comecei a sentir carinho por ela, e sempre **lhe levava** doces. Ela gostava da bala de tamarindo com pimenta, porque às vezes estava cansada de traduzir ou com sono depois do almoço e a bala dava uma sacudida nela.

Um dia, durante o tempo de oração, pedi a Deus uma família, e pedi com tanta força que Ele me escutou. A mulher chegou perto, começou a orar por mim e quando me levantei, ela disse: “quer ser meu filho? Meu marido e eu queremos que você seja parte da nossa família”. Naquele momento minha vida deu uma volta. Ganhei uma família e os pais mais amorosos do universo.

Alguns meses depois fui ao Brasil e quando conheci meu pai foi como se já nos conhecêssemos e tivéssemos ficado muito tempo sem nos encontrar. Pude experimentar o amor incondicional de um pai para quem não fazia diferença quem eu era, de onde eu vinha, só me amou e aceitou. Rodrigo e Clarice são nomes emblemáticos para mim, me ensinaram que sonhos se realizam. Voltei ao México muito feliz, mas um tempo depois me meti numa situação complicada.

“Oi, por favor!” Voltei à realidade quando o jovem me chamou. Peguei seu pedido e preparei-o com carinho e uma dose extra de café. Eu queria muito conversar, ajudar de alguma maneira. Se me atrasasse

um pouquinho, Ezra me perdoaria. Levei o café, esperei, mas ele nem me olhou. Orei por ele silenciosamente e me afastei. Então me chamou e perguntou se eu poderia ficar. Abriu seu coração. Sua esposa estava grávida, mas não sabia se era dele. O coração estava em pedaços, ele não sabia o que fazer.

Olhei nos olhos dele e disse: “vai ficar tudo bem”. Então contei minha história e o que aconteceu depois que voltei ao México. Comecei a namorar uma garota. Linda. Saímos por um tempo, e ela engravidou. Eu sabia que ela tinha tido um outro namorado, o que não imaginava é que eles estavam tendo um caso enquanto namorávamos. Ela não sabia de quem era o bebê. Minha vida acabou. A culpa me comeu por dentro, me senti um idiota. Entrei em depressão, voltei até a pensar em suicídio. Achei que tinha estragado tudo, que meus pais não iam mais me querer, já que eu não era capaz de fazer nada certo. No final, entendi que essa história era sobre o bebê, não sobre mim. Passei por coisas horríveis, mas seria minha escolha fazer esse bebê passar também. Quando nasceu, o outro cara fez o DNA, deu negativo. Ele a acusou de ter dormido com outros além de nós. Fui conhecer o bebê pensando no DNA, sentindo raiva de tudo. Quando olhei aquele pacotinho de gente, me vi deitado ali. Vi meus pais me abandonando e também vi o Rodrigo me aceitando e amando. Decidi ser o Rodrigo daquele garoto. Jamais vou deixar uma criança passar pelo que passei. Nem fiz o teste, não importava mais. Eu assumiria o bebê. A verdade é que eu sou o passado. O presente são meus filhos, e o futuro é quem eles serão. Dei meu nome e todo o meu coração ao Ezra. Estava aqui contando os minutos para encontrar com ele, o bebê mais lindo do mundo. Tenho dois filhos, um mora longe, outro mora perto, e eu não vou deixar nenhum deles para trás. Encontrar redenção é maravilhoso, mas ser redentor é tão maravilhoso quanto. O jovem agradeceu o café e a conversa e saiu.

Enquanto fechava a cafeteria, toda a minha vida passou diante de mim. Quem Deus me fez, o caminho que meus pais traçaram, quem me tornei nesse caminho, a intervenção sobrenatural, o reencontro com Deus e comigo mesmo, Jahdiel, meu primeiro filho, a família que Deus me deu, e Ezra, meu segundo filho. A vida é sobre isso: cair, levantar, crescer, caminhar e carregar os desconhecidos que encontramos caídos no caminho.

Fechei tudo, olhei para aquele lugar aconchegante, senti o aroma do café e uma paz enorme. Dei as costas ao café e ao passado. Na minha frente, dentro do carrinho, estava Ezra, cheio de vida, cabelinhos ao vento e gritando de alegria ao me ver. Sim, a vida é linda demais.

<sup>1</sup> Refere-se ao nome da cafeteria em que o protagonista da história trabalha. A maior parte dessa história se passa no México.